

# Museu Agrícola de Riachos: Práticas e Teorias num Museu de Comunidade

Luís Mota Figueira<sup>1</sup>

## *Riachos Agricultural Museum: Practices and Theories in a Community Museum*

### Introdução

Em Riachos, o Cingeleiro e sua Família constituem um pilar da identidade local, sustentada, religiosamente, na Lenda de achamento do Senhor Jesus dos Lavradores unindo crentes e não-crentes. Todavia, historicamente, a Confraria dos Lavradores de Torres Novas (de 1212 e em 1502 renomeada de Confraria do Senhor Jesus dos Lavradores) não se relaciona diretamente com a Lenda do achamento da escultura.

Do lado da Lenda, a imagem, como esclarece Lopes (1993:57) não está documentada: “(...) antes de 1502 (...). Porém, o peso da Hipótese, face aos dados reconhecidos pela História fica registado:

Pode sempre especular-se com a existência de uma outra imagem, anterior à que hoje se venera, e que pudesse ter permanecido em qualquer lugar fora da igreja de Sant'Iago. É que, contrariando a versão mais conhecida da lenda, podemos dar evidência à informação do escrivão Julião Cabanas, de 1695, segundo a qual a imagem esteve numa casa situada em Valverde, o bairro onde genericamente residiam os lavradores que haviam instituído a Confraria.

Do lado da História e como argumenta Carlos Manuel Pereira, sobre o nome da Vila quando citado em Lopes (2014:2), “*Riacho*”, seria a alcunha de Afonso Fernandes, morador em Valada em 1554. No mesmo período histórico, em Figueira (2007:365) alude-se a Fernão Lourenço, Tesoureiro da Casa da Mina e Índia. A influência de ambos e de muitas outras personagens anima a história do território, mas o achamento é forte elemento da memória coletiva. A Festa da Bênção do Gado – FBG, sob patrocínio de São Silvestre, foi sendo organizada pela “*Sociedade dos Singeleiros*”, Barroso (1954:37). Em 2000 passou a ser gerida pela Bênção do Gado Associação Cultural-BGAC. Na formalização institucional deste evento, como explicitava Nuno (2013:72):

No processo de preparação da candidatura da Festa da Bênção do Gado a Património Cultural Imaterial, revelou-se o processo de construção das memórias colectivas que foram caucionando a retórica localista e atenuando as contradições de condição de participação e de mobilização para a Festa, revelando os processos de tecedura e sedimentação dessas representações.

A investigação histórica permitiu obter-se mais conhecimento, Maria, (1985), Lopes (1993), desenvolverem-se investigações documentais detalhadas e oportunas, Lopes (2001),

---

<sup>1</sup> Doutor em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Professor Coordenador Instituto Politécnico de Tomar, Diretor do Museu Agrícola de Riachos e do Memorial Humberto Delgado, Brogueira -Torres Novas de 1994 a 2020.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0103-5120> | E-mail: [lmota@ipt.pt](mailto:lmota@ipt.pt)

Santana (2003), abordagens antropológicas (Nuno, 2013) e, reforçou-se o conhecimento da história local, Marques (2014), Pereira (2014).

Figura 1 – Representação da Lenda do Senhor Jesus dos Lavradores – o Grupo de Boieiros, do MAR, descendo a Rua da Bênção do Gado, para receber o Senhor Jesus dos Lavradores aos Portões da Quinta de Carvalhais. A Imagem é transportada, de volta, no Carro de Bois até à Igreja Paroquial de Santo António onde permanecerá durante a FBG.



Fonte: Luís Mota Figueira (2012)

A Freguesia civil de Riachos, destacada da Freguesia de Santiago, de Torres Novas (1923) do então distrito de Santarém, Vila (1984) pertence à CIMT-Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo, integra-se na região Centro, tutelada pela CCDRC-Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro. Turisticamente, inclui-se na ERTC – Entidade Regional de Turismo do Centro.

Nesta configuração territorial o MAR interpreta as raízes rurais, orientando-se às pessoas segundo uma visão inclusiva, Varine (2003). O Boieiro era o trabalhador assalariado que, adquirindo uma junta de bois ganhava o estatuto de Cingeleiro, Santana (2003:36). Tornou-se símbolo central e inspirador, Barroso (1954), Maria (1985), Simões (1998) e exercendo a sua arte e ofício, é o tipo humano que, com sua extensão familiar e comunitária, se impõe. O seu legado influenciou as Casas Agrícolas, que a motorização dos campos consolidou. Na transição da cultura artesanal para a cultura mecanizada, não esmoreceu o comportamento comunitário: a modernidade absorveu aquelas raízes e por elas foi absorvida, Martins (2015). Subsistem razões.

Vive-se a visão socialmente sentida partilhada de evidências práticas numa atmosfera que a antropologia, Lopes (1993), Nuno (2013), a etnografia e a sociomuseologia, Varine (2003), Moutinho (2007) e outros saberes, clarificam. No trabalho de investigação, os conteúdos sobre vidas, territórios e organizações, Figueira (1995) perfazem um todo singular, Santana (2000), são base de uma museografia dedicada, Linares (1984), e fixam o compromisso social, Freire (1987), Moutinho (2008), integrando expressões contemporâneas, disseminadas na interação do MAR com os seus públicos, Castells (2007).

## 1. Comunidade, Valores, Museologia e Desenvolvimento Social

A Comunidade museológica não progride sem laços externos, Primo (2006), Figueira e Ramos (2019). O MAR interpreta o mundo rural, usa as suas raízes naturais e culturais, estuda a espessura histórica e fundamenta-se na ação educativa para todos os públicos, Martins (2015). Compaginando as notas históricas de Lopes (1993), de Pereira (2014) sobre Afonso Fernandes “*Riacho*”, e de Figueira (2007:365) sobre Fernão Lourenço, desenhamos um cenário explicativo reforçado pelas duas janelas manuelinas, Figueira (2007: 365-367, figuras 2 a 5), testemunhos associáveis às fontes escritas disponíveis. O papel da região na agricultura e pecuária era muito relevante.

Neste contexto de ruralidade e história local o artigo que publiquei motivou o Município da Golegã a erigir o “Pórtico Fernão Lourenço” no sítio, presume-se, das então “Ademas de Fernão Lourenço”. Em Lopes (2001:29-104) existem provas documentais sobre a fortuna daquele funcionário que, inclusivamente, vendeu a D. Manuel I o seu Palácio, atual Embaixada de França, em Lisboa, recebeu benefício régio para erigir um mosteiro hieronimita na Golegã (1501) e cuja esposa, não ao acaso, está sepultada na cripta da igreja matriz, manuelina, SIPA (2016:4).

Na espessura histórica diversa, a bacia hidrográfica do rio Tejo e seu afluente, rio Almonda, palco de outros cenários memoriais está enriquecida com a atual Reserva da Biosfera da UNESCO do Paul do Boquilobo onde se explicam, historicamente, modos de produção agrícola local, usos e costumes, gastronomia, entre outras temáticas, de povoações como Riachos e Golegã, Simões (1998), Santana (2000). Localmente, a componente lendária confronta-se com a realidade histórica. Penteado (1998:457) analisando o trabalho de Lopes (1993) refere que o Autor:

Descobriu que, ao contrário do que afirmava a lenda, ao nome da Confraria dos Lavradores não estava originalmente acoplada a designação do Senhor Jesus e que a irmandade não estava relacionada com o achamento da imagem cristológica. Concluiu ainda que a Confraria dos Lavradores já existia desde 1212, que era possível documentá-la como Confraria de Jesus desde 1502, e que nessa data não existia qualquer referência à imagem, à capela ou à lenda, as quais eram posteriores, possivelmente do período de anexação quinhentista da irmandade pela Misericórdia local. Deste ponto de vista, a lenda reforçava a legitimidade do património e dos rendimentos da velha Confraria dos Lavradores, no conflito que opunha a Misericórdia ao pároco local. Ou seja. a memória histórica tradicional, entre outras funções, associava-se à defesa de direitos jurisdicionais, contra a secular tendência de dominação eclesial, (comprovada documentalmente), à semelhança do que ocorria noutros locais de culto, como o santuário da Senhora de Nazaré.

No estudo das camadas históricas a abordagem de Lopes (1993) é decisiva. Todavia, campesina por vocação, integrada na diversidade cultural contemporânea, Riachos centra-se, por opção comunitária, num eixo central: o ritual de comunhão da Natureza com a Cultura, nomeadamente cristã, Gonçalves (1999). Nesse desejo de comunhão centra-se a festividade agrícola maior, estratégia de gestão da «memória coletiva», afirmativa e distintiva dos demais cultos nacionais a S. Silvestre. A FBG, evocada também visualmente na Rotunda do Senhor Jesus dos Lavradores, é prática comunitária, sacra e profana, intrínseca à maioria das pessoas de Riachos e da sua Diáspora. Barroso (1954:38) referiu:

“A última festa realizada em 31 de Maio de 1953 passa à história como sendo a mais rica de cor, a mais bem organizada, e a mais atraente, castiça e esplendorosa de quantas até esta data foram realizadas.”

Figura 2 –Museu Agrícola de Riachos – Rua Dr. José Marques, nº 14. Fonte: José Manuel Martins (2015)



Fonte: José Manuel Martins (2015)

Esta evidente energia histórica explica-se pela sociomuseologia, Moutinho (2007), Xavier (2012). A FBG consolidou-se como herança contínua, alimenta a relação intergeracional e intercontinental e é património que se sedimenta, Choay (2000), porque promove o sentido de participação permanente, presencial e a distância, revelando solidez intuída, atmosfera emocional, «tribal», como diria Castells (2007) e, portanto, sobrevivente e prometedora de futuro. Independente, por isso mesmo, da visão histórica.

No MAR, os Serviços Educativos, revelando lenda e factos históricos, interagem com famílias, escolas e outras organizações, afirmando, com rigor, a “ruralidade-tradicionalidade” e a “neoruralidade-modernidade”, Figueira (2009). A vivência da ruralidade histórica e da agricultura dita «de precisão» fortalecem sentimentos de pertença nas novas e velhas gerações, Hernández e Juan i Tresseras (2001). Enquanto escrevo, o JOR-Jornal “O Riachense” , de 21 de julho, p. 24 refere: “*Mesmo sem Festa, imagem do Senhor Jesus dos Lavradores vai estar três dias em Riachos*” . Em tempo de pandemia é gesto mobilizador: janelas e varandas de família ostentam colchas à passagem da Imagem esculpida do Senhor Jesus. A sua estética quatrocentista, como avalia Serrão (2012:96), citado por Pereira (2014) é outra nota histórica relevante.

Porém, a FBG, ligando Lenda e História, gera ambiente intergeracional, abolindo estatutos socioeconómicos e estrutura-se como «lugar», especial. Este «*genius loci*» gera, regenera, cria, expande, ganha novos contornos, sustenta futuro e atualiza-se, usando energia do achamento e culto ao Senhor Jesus dos Lavradores e, igualmente, da presença da Irmandade do Menino Deus, Gonçalves (1999). A visão inclusiva e proativa do MAR posiciona-se não exclusivamente nos objetos, mas, antes, no que as pessoas fazem dos artefactos e crenças e como os integram nas suas práticas sociais e religiosas, Figueira (2010). A Lenda, como recurso cultural é o centro deste compromisso comunitário entre sacro e profano, Barroso (1954), Maria (1985), Gonçalves (1999), Pereira (2014), Martins (2015).

Assumir valores sociais e religiosos, usar o museu para discussão, crítica, construção e partilha de significados por ele catalisados é ação objetiva. Assim, a dignificação da Memória e da Criatividade afirmam o museu como espaço aberto e permeável à participação, produção, absorção e transmissão de valores, Primo (2006), Moutinho, (2008), Xavier (2012). Recordemos sinais da espessura histórica local. Como nos elucida Carlos Manuel Pereira, Historiador local, citado por Lopes (2014:1) há a considerar na história da fundação da Vila que:

Riacho não era mais do que uma alcunha dos lavradores que estavam aqui a meio do século XVI. (...) algures no princípio do século XVII, parecia já bem definida uma localidade que assim nasceu naturalmente.”

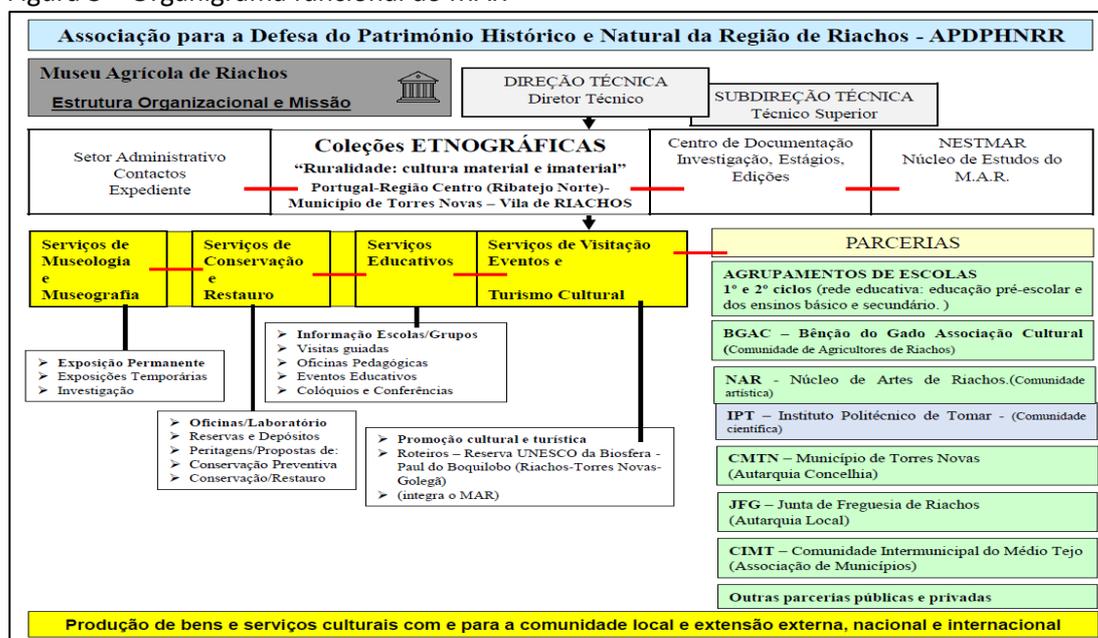
A voz da comunidade é, assim, ontem como hoje, a essência fundamental de uma cultura que, sob a expressão do Investigador, “Somos Todos Primos” junta cada contributo, emocional ou científico, acrescentando valor ao estudo da histórica local que, creditado, se torna parte dessa voz local. A valorização da opção da Comunidade pela Lenda como referência maior é registada pela História feita e pela que se vai fazendo.

### 1. Sociomuseologia, desenvolvimento territorial de base comunitária e crescimento económico

Mercê das conexões entre planificação museológica-museográfica e meios tecnológicos de som, imagem e interação multimédia, o MAR também está no palco do Mundo. O organigrama, explica-o, as redes sociais e as plataformas digitais, ampliam-no. O PMM consolida-o: o diálogo entre o polo da Tradição e o polo da Contemporaneidade é permanente. O rigor histórico, um dever.

Ideado desde há décadas e esboçado na FBG (1983) a «vontade de museu» expressa a visão de um grupo de riachenses, Moutinho (1993), Varine, (2003), Martins (2015). A ação dos Fundadores continua-se nas expressões culturais contemporâneas, Nuno (2013).

Figura 3 – Organigrama funcional do MAR



Fonte: (Direção Técnica do MAR: 1994-2021)

Neste contexto, os “Serviços de Visitação, Eventos e Turismo Cultural” (2016) englobam a animação cultural. O Grupo de Boieiros, o Grupo das Camponeses, o NAR e a BGAC (a última, como representante dos Agricultores riachenses e da FBG) desenvolvem ações colaborativas. Gera-se equilíbrio entre a divulgação cultural, assegurada pela APDPHNR e pelo NAR (2011) e a atividade científica assegurada pelo NESTMAR (2017). A Animação Cultural e a Investigação Científica Aplicada, são duas áreas com lógicas diferenciadas, Belcher (1997), Figueira e Ramos (2019).

Constata-se que os Fundadores partiram da prática social para a teoria que, depois, incorporou os valores sociomuseológicos pré-existentes, (Moutinho, 2007), Freire (2007), Martins (2015), Figueira e Ramos (2019). Como exemplo da aplicação prática e comunitária do

primado da Pessoa, e da libertação de cada ser humano pela Cultura em que participa, intervindo, se mostra o poder de construção de realidades estruturadas na humanidade de que se revestem, Moutinho (2008), Junior (2019).

A relação do MAR com os seus diversos públicos-alvo ultrapassa a falta do Quadro de Pessoal e do Orçamento Anual. A comparticipação financeira do Município de Torres Novas sustenta parte reduzida dos custos de funcionamento. Os Estagiários são capital humano atenuador do problema, não sendo solução. A parte financeira de organização de eventos e trabalho técnico e científico decorre a expensas da APDPHNR e do MAR.

O sistema *pro bono* inclui o trabalho da Direção Técnica e demais recursos humanos. O apoio mecenático do grupo de fundadores e continuadores, regista-se como preito de homenagem e reconhecimento às Mulheres e aos Homens que «sonharam museu» e nunca desistiram dessa visão, continuando esta Obra: destaca-se o mecenato permanente do anterior Presidente da associação, Advogado Carlos Trincão Marques, falecido em 2018.

O impacto do MAR sobre os visitantes pode escalonar-se em ações de: “iniciação”, “divulgação”, “aprofundamento”, “investigação” (Figueira, 2013:26). Experimentalmente, o MAR validou este esquema. Por isso, Salvador (2014:72) referiu:

“Quando efetuamos uma visita ao MAR sente-se uma atmosfera a que não se fica indiferente. A sensação é de ingressar num espaço que nos é familiar, ainda que seja visto pela primeira vez. Não se consegue explicar. Serão os cheiros? Serão os objetos? Serão as cenas, recriadas e que nos são familiares? Não sabemos, mas de facto é diferente. Estas observações retratam, o mais fielmente possível, as sensações e emoções da Mestranda aquando das suas visitas mais demoradas ao espaço do MAR. Presencialmente pode testemunhar o ambiente de harmonia e cumplicidade que se vive entre os seus habituais frequentadores.

O acolhimento e experiência «*in situ*», caracteriza a “*Frente de Casa*” do MAR. Este é mais um lugar inclusivo aberto a todos os cidadãos do mundo amplificado pelos estágios nacionais e internacionais que oferece. A casa entendida como local vivido pela comunidade de uma geografia concreta, contendo bens de família e animado por pessoas e causas, fortalecendo sentidos de pertença, Nuno *et al* (1993) e alinhada ao conceito de «Património da Humanidade» da UNESCO e aos objetivos da Agenda 2030, UNRIC (2015), cumpre um papel fundamental.

A participação na Cátedra Unesco “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”, valorizou a vertente científica da partilha entre profissionais e especialistas, investigadores e outros públicos. Estabelece novos desafios.

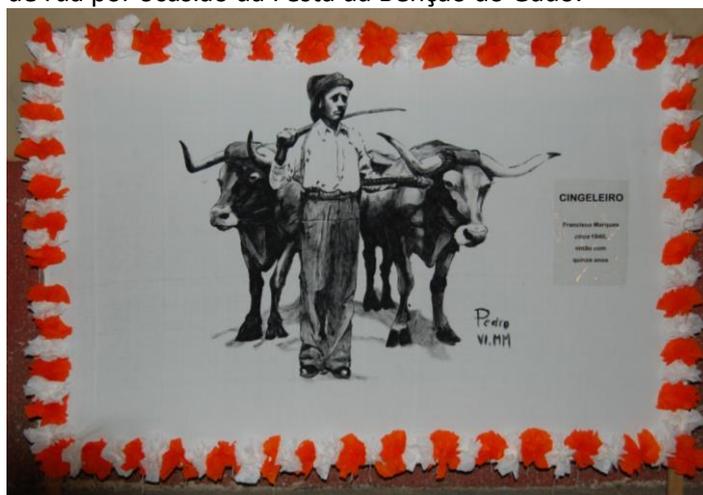
Figura 4 – Cartaz “Rodas de Conversa-17 de setembro de 2020”.



Fonte: <http://catedraunesco.ulusofona.pt/> (12.7.2021)

A energia gerada no MAR liga conhecimento tácito (cultura vernácula das artes e ofícios dos usos e costumes, do acervo material e imaterial) com conhecimento explícito (cultura académica e seus métodos e técnicas de investigação, aplicadas à produção de novo conhecimento). Dar voz aos que foram ignorados, Freire (1987) e (2007), e valorizar as suas oralidades e imagens, tornando-os elementos relevantes de um tempo amplo (o permanente espaço memorial), bem como estudar e divulgar os seus atavios pessoais, evoca o poder das «bibliotecas vivas», Simões (1998), Martins (2015), Figueira e Ramos (2019). Cada pessoa é, neste sentido restrito, uma biblioteca.

Figura 5 - O Cingeleiro – Pintura em tela de Pedro Jorge, Profissional de Saúde nascido em Riachos, para decoração de rua por ocasião da Festa da Bênção do Gado.



Fonte: Luís Mota Figueira (2008)

A gestão museológica é desafiante, Moutinho (1993). O nivelamento por baixa incorporação científica é um perigo. Seguir a tendência exagerada de paradigmas teóricos é outro perigo. Recordo os anos 90: 1º - negociou-se e ganhou-se uma expografia mais adequada (menos peças penduradas a esmo pelas paredes disponíveis), criou-se a Galeria das Artes, de apoio à produção artesanal e artística contemporâneas; 2º - o programa Escola-Oficinas do IEPF formando pessoas no Curso de Artesanato Bordado com o objetivo de criação do próprio posto de trabalho (então muito propagandeado), falhou quase completamente.

Trabalhando em museografia e conservação do património cultural a convite do CEARTE, em Semide (1996) percebi que, ligar Artesanato e Artes não é, de todo, utopia: são atividades humanas, patrimonialmente equivalentes, embora com diferentes motivações, produção e mercado. Se o artesanato medieval demonstra essa íntima ligação de equivalência patrimonial, o redesign do artesanato contemporâneo, também.

Com as Oficinas Pedagógicas, reforçou-se o projeto inclusivo do MAR, fomentou-se o convívio intergeracional e a troca de saberes vernaculares e académicos, integrados na defesa intransigente dos direitos humanos.

Criar cultura museológica na comunidade e compreender a mercantilização da cultura como problemática nas agendas das administrações públicas mostra que estas, porque, pressionadas pelo empreendedorismo privado geram, apenas e quase sempre, programas de mitigação da apropriação privada sobre os bens da comunidade. Por isso, os bens públicos, naturais ou culturais são defendidos, também, através de fortalezas de resistência patrimonial e museológica perante a transformação contínua da sociedade, Moutinho (2008), Figueira e Ramos (2019).

Empoderar intervenções sob doutrina internacional e parceria em redes, mormente académicas, reforça os museus face ao fator “mudança”, UNRIC (2015). Ainda existem muitas

empresas ignorando os valores do património: o seu objeto é, exclusivamente, o lucro. A gentrificação e a especulação imobiliária nos centros históricos registam essa situação. Alguns lugares rurais, também. Espaços ricos de biodiversidade e de fatores humanos geradores de cultura local, autêntica, são resignificados. Uma vez bem e, muitas vezes, mal.

Nessa transformação confrontam-se pessoas, geram-se conflitos, disputas, problemas, soluções, avanços, recuos, atualizações. Por isso, na educação para a consciência do sentido de cultura patrimonial, como Mário Canova Moutinho argumentava, em Carvalho (2015: 254):

A gente não pode partir para esta reflexão sem as ciências sociais para compreender os diferentes processos sociais. E eles estão em contínua mudança, que é um outro elemento importante de todo este processo. Esta reflexão da Sociomuseologia assenta no princípio que a sociedade está em mudança, e, portanto, tem que haver uma disciplina que é capaz de se transformar e evoluir à medida que a mudança também vai acontecendo, porque senão a certa altura nós ainda continuávamos a pensar uma outra realidade, que não é aquela que já está.

A museologia de base social atende aos interesses das comunidades, confronta-se com os valores da predação, denuncia-os, combate-os, vence-os muitas vezes. Porém, sem persistência e criação científica sólida essa museologia enfraquece e é manipulável. A participação e escrutínio da comunidade são pontos críticos do processo. O território das 308 autarquias (e freguesias e uniões de freguesias) é o palco de ações e modas (moda “museográfica” das rotundas...) e de competitividade territorial (moda da “*Capital de...*” etc.), atualmente a moda visual do nome da localidade (moda das letras maiúsculas e enormes pintadas de branco...) elucidando-nos sobre a necessidade de melhorar as políticas públicas.

O desenvolvimento territorial sustentável de base comunitária tem, nos museus locais, esteios das culturas ditas «autênticas», todavia, ameaçadas por processos de patrimonialização e de turistificação mal planeados, Figueira (2013). Gerir a incorporação de novos valores tecnológicos, nomeadamente digitais beneficia a literacia patrimonial inclusiva, porque o valor do património não é apenas valor de memória e de inventário.

Qualquer objeto e/ou artefacto integrável no acervo, é “testemunho-pretexto” e o estudo desse objeto torna-o recurso para outros usos. A função tripla de um artefacto (prática-estética-simbólica) quando compreendida, sustenta a criação de conteúdos e ajusta-os, como recursos, à mercantilização. Ela existe, de facto. As réplicas de alfaias produzidas no MAR provam essa possibilidade.

Do mesmo modo, a exposição temporária paga pelos seus públicos não contradiz o serviço público prestado em exposições permanentes e temáticas. As práticas de animação cultural da APDPHRR e do NAR desenvolvidas em cocriação com os participantes são partes desta vertente de rentabilização sem fins lucrativos. A estratégia museológica e científica está atenta ao devir e, por isso, o permanente ajustamento alinha-se com o desassossego da investigação científica, torna-se tão necessário quanto o conforto sentido com a animação cultural praticada.

### **1. Práticas museológicas e consequências: ponto de situação**

A sociomuseologia, sustenta doutrina e incorpora-se nas práticas dos cidadãos no respeitante aos seus Direitos e Deveres, tanto da Memória, quanto da Liberdade de expressão, no seu sentido mais lato. A ligação de um museu de comunidade a outras instituições, nomeadamente de ensino é, por isso, estratégica.

Desde a fundação, há ligação do MAR com o IPT: os recentes Projetos MURARTE, OPEXCATER, entre outros, valorizando a Região e, nela, a propósito, Centro Urbano de Riachos e a Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo, explicam essa orientação. Apresentam-se alguns detalhes dessa relação.

Figura 6 – Montagem do painel “Agrimensura”. Os membros da comunidade que exercitaram esta atividade eram reconhecidos como árbitros nas contendas de medições de «extremas» de propriedades como foi o caso do Agrimensor, Manuel Jorge Barroca (1890-1972).



Fonte: Mafalda Luz (2006)

Cada pessoa, cujas competências tácitas denunciavam experiência e saber acumulado, era reconhecida pelos membros da comunidade, ganhando crédito social e notoriedade de «ofício». Na figura 6, as “Cadeias de agrimensor” e as “Chapas de propriedade”, «falam-nos» sobre histórias e estórias de disputas e medições de terrenos.

Figura 7 - A Professora Cecília Baptista e sua Equipa, partilharam com o MAR o novo conhecimento obtido em aulas do curso de licenciatura de Engenharia do Ambiente e Biológica, do IPT .

**património & “velho produto”**

1. A coleção “Cânhamo”- museografia

2. A coleção “Cânhamo”- reconstituição histórica

**modernidade & “novo produto”**

Fibras de Cânhamo gramadas em laboratório

Cânhamo em estudo como material para estruturação de produtos industriais....

O Projecto “Cânhamo”- análise morfológica em microscopia óptica

Fonte: Luís Mota Figueira (2017)

O museu promove escolhas entre conservar ou descartar. Integra as ciências sociais e naturais estimulando o uso do potencial didático e pedagógico no acesso de todos ao conhecimento. Na relação MAR-IPT o recurso natural «Cânhamo», estudado etnograficamente, foi também objeto de estudo científico, gerando-se mais informação e enriquecendo-se a Coleção.

A proximidade social no uso do espaço museológico catalisa mudanças comportamentais porque a cultura partilhada e partilhável sustenta o sentido libertador que só a via do conhecimento e da convivialidade cumpre, Freire (2007). Cada museu, como organização sem fins lucrativos e imbuído do sentido de serviço, requer condições para integrar os seus diversos públicos com as pessoas, a natureza e a cultura locais, Primo (2006).

O Estado tem atribuições constitucionais. Por isso, a ideia de “Rendimento Mínimo Museológico Garantido”, Figueira e Ramos (2019), ganha cada vez mais sentido, porque:

São necessárias ações de intervenção qualificante. Nesta lógica, o papel do Estado e dos seus órgãos relacionados com a Cultura e com a Museologia <sup>24</sup> tem, necessariamente, que se alterar e atualizar. Gizar medidas de política e consequências (ao nível do financiamento público, tipo «rendimento mínimo museológico garantido», por exemplo).

Dignificar as pessoas e, no caso, a ruralidade como objeto de estudo e transmissão, concita planeamento e integração das políticas públicas na envolvente territorial quer geográfica e ecológica, quer cultural, Varine (2003), Moutinho (2008), Xavier (2012). As pessoas e suas vidas reconstituídas em narrativas atuais, evocam coisas e consciencializam, todos, também, sobre a importância do trabalho. O fomento da educação patrimonial e da fruição turístico-cultural são fortes tendências de consumo da sociedade atual, Ramos e Costa (2017), Junior (2019).

Figura 8 - Representação pelo Grupo “As Camponesas”. Quadro “Apanha da Azeitona”. Orientação de Campo, do Agricultor Carlos Santana. Registo multimédia pelo Professor Martinho Branco, da Escola Básica e Secundária Mestre Martins Correia, da Golegã



Fonte: Luís Mota Figueira (2009)

Encontrar modos conviviais mantendo ativo o interesse da comunidade e visitantes, é tarefa multifuncional onde a componente da economia da cultura também tem lugar. O MAR assume-se como espaço laboratorial para experiências culturais.

Figura 9 – Montagem sobre o MAR para divulgação. As recentes Oficinas (da Terra; da Natureza; da Tradição e Modernidade) desenvolveram-se a convite da ADIRN e Câmara Municipal de Torres Novas, envolvendo outros parceiros, entre maio e julho de 2021.



Fonte: (elaboração própria)

A lição freiriana de partilha em compromisso constitui um desafio na sociomuseologia, Moutinho (2008). Conectar a animação cultural com a produção científica implica visão e dedicação. Como se explicita nas figuras seguintes, a articulação entre as componentes etnográficas (ciências sociais) e químicas e biológicas (ciências naturais) é possível, é desejável, é futuro.

Figura 10 – Projeto do IPT- Techn&Art em que o MAR é parceiro e o seu Diretor Técnico é responsável pela Tarefa 3.do Projeto OPEXCATER.



Fonte: *Powerpoint* de apresentação de Cecília Baptista, Investigadora Principal (2021)

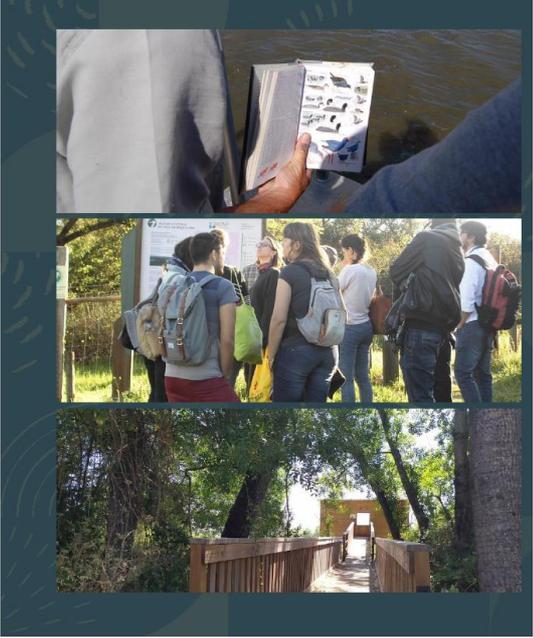
Figura 10a – *Idem*. Tarefa 3. Fonte: *ibidem*

## Tarefa 3 - ATIVIDADES EXPERIMENTAIS EM TURISMO E REVALORIZAÇÃO DAS ARTES E OFÍCIOS

**IR - Luís Mota Figueira**

**3 aspetos fundamentais:**

- Turismo e conservação da biodiversidade incluindo o turismo escolar e científico
- Turismo e desenvolvimento económico valorizando os recursos endógenos locais
- Turismo e sustentabilidade - Agenda 2030 e estratégia "Turismo + Sustentável"



Fonte: *idem*Figura 10b – *Idem*, Tarefa 3 (continuação).

## Tarefa 3 - (continuação)

**Atividades:**

- 3.1 - Definição da capacidade de carga turística da Reserva
- 3.2 - Revalorização das Técnicas Artesanais como marca etnográfica da Reserva
- 3.3 - Resgate de saberes/oralidades com fixação em suportes multimédia
- 3.4 - Ações experimentais integradas em turismo científico para promoção da interação entre residentes e visitantes





Fonte: *idem*

A componente científica valoriza o PMM, Figueira (2010). A visão, a missão, os valores, as práticas sociais, cumpridas num modo de gestão colaborativa, atraem novos recursos humanos. Nas escalas local, regional, nacional ou internacional, a valorização do património é ação contínua. Ligar, no Projeto MurArte, o conhecimento vernáculo (pintura *naif*) com o

conhecimento académico (projeto científico politécnico de valorização e conservação) valoriza a relação, aumenta o conhecimento disponível, estimula e desafia a componente científica do MAR.

Figura 11 – O projeto “MurArte” aborda a produção de pintura popular que a Festa da Bênção do Gado tem suscitado e que de modo espontâneo foi desenvolvida nos muros e algumas fachadas de habitações pelos pintores do NAR.

**ipt** Instituto Politécnico de Tomar

**Techn & Art** CENTRO DE TECNOLOGIA, RESTAURO E VALORIZAÇÃO DAS ARTES

**WEBINAR**  
**Apresentação Pública**  
**Projetos do TECHN&ART**

**17 MARÇO 2021**

»14h30 | Projeto PAPER TRAILS  
Post-industrial histories, technical memories and art practices in Tomar

»15h00 | Projeto MurArte  
Documentação dos Murais de Riachos com vista à sua Preservação Sustentável

Online Zoom - Colibri  
em <https://bit.ly/3kV2QWh>

Instituto Politécnico de Tomar +info: [www.techneart.ipt.pt](http://www.techneart.ipt.pt)

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Financiamento Base: UIDB/05488/2020  
Financiamento Programático: UIDP/05488/2020

Fonte: Gabinete de Comunicação do IPT (2021).

Alinhar Tradição e Modernidade sob métodos e técnicas de investigação creditando a intervenção museológica, cria valor científico, Quivy e Van Campenhoudt (1998). O primado da interação entre seres humanos ganha uma dimensão na ação que importa aqui sublinhar, porque a humanização pela cultura é, no fim de contas, o objetivo. A sociomuseologia como linha de ação acentua e potencia esse alinhamento e tem um significado libertador, porque a afirmação crítica de cada pessoa é o foco final, também, da nossa missão museal, Moutinho (2008), Xavier (2012), Figueira e Ramos (2019).

### Conclusão

Este artigo regista a modernidade dos valores freirianos que se integraram na fundação e no desenvolvimento do MAR. Os fundadores geraram, em 1989, objetivos e compromissos conjugados com a linha de libertação de cada cidadão pela cultura e educação permanente. Esta lição, aproveitada em 1994 para criação do PMM, continua atual.

Apresentaram-se práticas museológicas aqui apenas referenciadas sem detalhe, por razões de economia de texto. Descreveu-se o apoio do Município de Torres Novas, na cedência das instalações e apoio institucional, cujo retorno se configura na animação cultural e na investigação científica gerados e aplicados em práticas prestigiantes para o concelho, região e país.

Perante os desafios colocados pela Agenda 2030 da ONU, atualiza-se a estratégia. Cuidar da Memória do Passado, transmiti-la e preparar o futuro da Memória Presente, quanto Futura, é o objetivo da intervenção “local-global” do MAR. Assim, sustenta-se, internamente, o sentido memorial da Comunidade, qualifica-se o olhar preditivo, acompanham-se as externalidades políticas, sociais e económicas. Em síntese, age-se para a inclusão das pessoas que dão sentido

ao Museu de Comunidade contribuindo para a cocriação e partilha de valor entre associados e técnicos, colaboradores, residentes e visitantes.

## Bibliografia

- BELCHER, M. (1997). *Organización y diseño de exposiciones – Su relación con el museo*. Gijón: Ediciones Trea S.L.
- CARVALHO, A. (2015). *Decifrando Conceitos em Museologia: entrevista com Mario Caneva Moutinho*. Revista Museologia e Interdisciplinaridade, vol. IV. nº8. Brasília: Universidade de Brasília. pp.252-269. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/16523> (12.7.2021)
- CASTELLS, M. (2007). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O Poder da Identidade*. Volume II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CHOAY, F. (2000), *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70
- FIGUEIRA, L. (1995). *Museu Agrícola: a função comunicativa*. In jornal “O Riachense”. nº 285. p 5.
- FIGUEIRA, L. M. (2007). *Os Fumos da Casas da Mina e da Índia – vestígios manuelinos encontrados no concelho de Torres Novas*. Nova Augusta/ Revista de Cultura. nº19. Torres Novas: Município de Torres Novas. pp. 361-372.
- FIGUEIRA, L. M. (2009). *Património, museologia e turismo cultural: questões e propostas*. Nova Augusta/ Revista de Cultura. nº 21. Torres Novas: Município de Torres Novas. p. 275-289.
- FIGUEIRA, L. M. (2010). *O Projecto Museológico do Museu Agrícola de Riachos*. Lisboa: Revista Pedra e Cal. nº 48, [http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev48\\_Art6.pdf](http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev48_Art6.pdf) (12.11.2019)
- FIGUEIRA, L. M. (2013). *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Tomar: Cespoga – Centro de Estudos Politécnicos de Golegã – Instituto Politécnico de Tomar. <http://centrodocumentacao.turismodeportugal.pt> (10.7.2019)
- FIGUEIRA, L.M. e Ramos, D. (2019). *Museus de Comunidade: Manual de Apoio à Gestão*. Aveiro: Universidade de Aveiro. [http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/Livro\\_Museus\\_de\\_ComunidadeMarco2019.pdf](http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/Livro_Museus_de_ComunidadeMarco2019.pdf) (25.11.2019)
- FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (17.ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora.
- FREIRE, P. (2007). *Política e educação: Ensaios* (8.ª ed.). São Paulo: Villa das Letras Editora.
- GONÇALVES, J. (1999). *Memória Cristã de Riachos: Dos tempos antigos aos nossos dias*. Riachos: Edição de Autor.
- HERNÁNDEZ, J. B. e Juan i Tresseras, J. (2001). *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona: Editorial Ariel. S.A.
- JUNIOR, R. F. S. (2019). *Por uma “Museologia da Libertação”: Impactos do pensamento de Hugues de Varine no campo museal brasileiro*. Bahia: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-

graduação de Mestrado em Museologia.  
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30789/1/Roberto%20Fernandes%20%28Disserta%C3%A7%C3%A3o%29.pdf> (12.6.2021)

- LINARES, J. (1994). *Museo, Arquitectura y Museografía*. Cuba (La Habana): Ediciones JF, (Fundo de Desarrollo de La Cultura, Direcon de Patrimonio Cultural, Ministerio de Cultura).
- LOPES, A. (2014). *Somos Todos Primos-entrevista do Antropólogo André Lopes a Carlos Manuel Pereira*. Riachos: Jornal “O Riachense” de 27 de janeiro. [http://oriachense.pt/index.php?option=com\\_content&view=section&layout=blog&id=18&Itemid=238&limitstart=10](http://oriachense.pt/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=18&Itemid=238&limitstart=10) (11.4.2020)
- LOPES, J. C. (1993). *A Confraria dos Lavradores de Torres Novas*. Torres Novas: Digital Texto.
- LOPES, L. D. (2001). (Transcrição paleográfica). *Confrarias Medievais da Região de Torres Novas – os bens e os compromissos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.
- MARIA, F.R.C. (1985). *Riachos, usos e costumes*. Lisboa: Edição de Autor.
- MARQUES, S. (2014). *Museus de comunidade e experiência turística cultural e criativa : o caso do Museu Agrícola de Riachos*. Tomar: Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Tomar. <http://hdl.handle.net/10400.26/13479> (12.11.2019)
- MARTINS, J. M. P. (2015). *O Museu Agrícola de Riachos – Agente de Educação de Adultos e motor de Desenvolvimento Local*. Riachos: Associação Para a Defesa do Património Histórico e Natural da Região de Riachos.
- MOUTINHO, M. C. (1993). *Sobre o conceito de Museologia Social*. In Cadernos de Sociomuseologia, Vol. 1, nº1.1993. 7-9.
- MOUTINHO, M. C. (2007). *Evolving definition of Sociomuseology: Proposal for Reflection*. Cadernos de Sociomuseologia. nº28. Lisboa: Departamento de Museologia/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. pp. 39-44.
- MOUTINHO, M. C. (2008). *Os museus como instituições prestadoras de serviços*. Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias. n.º 12. pp. 36-46. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rhumanidades/article/view/987> (12.5.2014)
- NUNO, C.S., Lopes, J.C., Madeira, J. F., Pereira, J. (1993). *Riachos, rostos da terra*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas
- NUNO, C.A. S. (2013). *A Festa da terra é como sempre foi? A Bênção do Gado em Riachos como construção ideológica*, in V Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia. Vila Real: Ed. APA. <http://www.apantropologia.org/congresso2013/wp-content/uploads/2012/09/Antropologia-em-Contraponto-programa%C3%A7%C3%A3o-completa.pdf.pdf> p. 72
- PENTEADO, P. (1998). *Recensões*. in Lusitania Sacra-Revista do Centro de Estudos de História Religiosa – Tomo X – Cristianização na Época Medieval. 2ª série. Lisboa: Universidade Católica de Lisboa. pp.456-457
- PEREIRA, C. M. (2014). *O Senhor Jesus dos Lavradores – Somos Todos Primos*. Riachos: Jornal “O Riachense”, II série, Ano XXXVII, nº 759, p. 8. [https://issuu.com/oriachense/docs/edi\\_o\\_759\\_17\\_dezembro\\_2014](https://issuu.com/oriachense/docs/edi_o_759_17_dezembro_2014) (15.5.2021)
- PRIMO, J. (2006). *A importância dos museus locais em Portugal*. Cadernos de Sociomuseologia. n.25. Lisboa: Departamento de Museologia/ Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. pp. 41-62.

- QUIVY, R. e Van Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações Lda.
- RAMOS, D. e Costa, C. (2017), *Turismo: tendências de evolução*. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, v. 10, n. 1, p. 21-33. <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> (10.11.2018)
- SALVADOR, M. T. P. C. (2014), *Monumentos e Museus - Patrocínios, Mecenato e Voluntariado*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Tomar. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/13439/1/Monumentos%20e%20Museus%20-%20Patroc%C3%ADnios%2C%20Mecenato%20e%20Voluntariado.pdf> (11.6.2021)
- SANTANA, J. (2000). *A Gastronomia das Gentes do Campo de Riachos*. Tomar: Região de Turismo dos Templários (Floresta Central e Albufeiras).
- SANTANA, J. (2003). *Cingeiros, boieiros e camponeses de Riachos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.
- SERRÃO, V. (2012). *As igrejas do Salvador, de São Tiago e de São Pedro em Torres Novas. Arquitetura e equipamento artístico*. Torres Novas: Ed. Paróquia de Torres Novas
- SIMÕES, M. C. (1998). *Histórias da Nossa Gente*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas
- SIPA. (2016) (Atualização de Figueiredo, P.) *Igreja Paroquial da Golegã / Igreja de Nossa Senhora da Conceição* - IPA.00002226 - Portugal, Santarém, Golegã, Golegã. [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2226](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2226) (12.6.2021)
- UNRIC - Centro Regional de Informação das Nações Unidas para a Europa Ocidental. (2015). *A Agenda 2030 - 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/> (10.1.2021)
- VARINE, H. (2003). *Le musée communautaire est-il hérétique ?* <http://www.hugues-devarine.eu/book/view/56> (16.7.2021)
- XAVIER, D. W. (2012), *Museus em Movimento - Uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia*, Lisboa: Dissertação de Mestrado-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. [http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/denise\\_walter\\_xavier.pdf](http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/denise_walter_xavier.pdf) (12.12.2018)

#### ANEXO – Siglas

- ADIRN – Associação de Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte
- APDPHNR – Associação Para a Defesa do Património Histórico e Natural da Região de Riachos
- BGAC – Bênção do Gado-Associação Cultural
- CEARTE – Centro de Formação Profissional para o Artesanato e Património
- CCDRC – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
- CMTN – Câmara Municipal de Torres Novas
- CIMT – Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo
- ERTC- Entidade Regional de Turismo do Centro
- FBG – Festa da Bênção do Gado
- GOVCOPP – Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (Universidade de Aveiro)
- IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional
- IPT – Instituto Politécnico de Tomar
- JFR – Junta de Freguesia de Riachos

JOR – Jornal “O Riachense”

MAR – Museu Agrícola de Riachos

MURARTE – Projeto IPT & Parceiros: Valorização de Pintura Mural em Riachos

NAR – Núcleo de Artes de Riachos

NESTMAR- Núcleo de Estudos do Museu Agrícola de Riachos

OPEXCATER – Projeto IPT & Parceiros: criação de Observatório-Parque Experimental

ONU – Organização das Nações Unidas

PMM - Projeto Museológico do MAR

TECNH&ART - Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (Instituto Politécnico de Tomar)

UNRIC – Centro Regional de Informação das Nações Unidas-Bruxelas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura